

ARTE . VISUAL . ENSINO
Apoio Pedagógico Virtual

GESTÃO EM ARTES
VISUAIS

Professor Doutor

Isaac Antonio Camargo

Campos de atuação em
Arte Visual.
Parte 9

Curso de Artes Visuais
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

A Arte é tão antiga quanto a humanidade, mesmo assim, na atualidade o seu reconhecimento como profissão é complexo por conta dos seus desdobramentos técnicos, funcionais e conceituais. Há uma certa compreensão de que a Arte, por suas configurações subjetivas, líricas e até românticas, não se configura como uma atividade profissional regular ou, até mesmo, como um campo de conhecimento específico. Por conta disto, seu reconhecimento como profissão sempre foi difícil.

Não é só o fazer da Arte importa à sociedade mas também seu conhecimento, sua conservação, difusão e aprendizado, deste modo surgiram outras atividades relacionadas a ela. Os estudiosos criaram alguns campos de atuação como o da História, da Pesquisa, da Estética, da Crítica que resgata, analisa, debate e informa a sociedade sobre o que é Arte.

Pode-se dizer que os detentores do poder criaram o Coleccionismo, o Comércio, a Guarda e a Mercantilização das Obras de Arte.

Por outro lado, a sociedade organizada criou meios de apoio e preservação de Obras de Arte como institutos e museus.

Este dois campos estão em conflito constante: de um lado o interesse mercantil, de outro o cultural.

Enfim, as relações entre estes dois campos de atuação se tornaram, potencialmente, ambientes para o exercício profissional dos Bacharéis em Arte Visual.

Neste sentido podem ser identificados algumas áreas de interesse nesse campo. Nem todos aqueles que se graduam em Arte Visual se dispõem a trabalhar como produtor, assim, vale a pena refletir a respeito.

A Produção artística.

Não se pode ignorar que uma parte de quem se gradua num bacharelado em Arte Visual irá buscar uma carreira nesse campo. O produtor de Arte, nomeado tradicionalmente como Artista, tem por finalidade o desenvolvimento da produção de Obras de Arte, logo deverá buscar dados e informações sobre os procedimentos produtivos e as tendências contemporâneas da Arte Visual.

Nada contra a produzir obras inspiradas ou referenciadas à produção artística do passado. Mesmo consideradas anacrônicas sempre haverá interesse em Retratos, Paisagens, Natureza Morta, em geral destinadas à decoração ambiental. Algumas linhas Modernistas são compatíveis com o mercado de Decoração de Interiores e este é um segmento que se mantém no contexto do mercado de Arte.

Muitas Obras podem ser realizadas dentro dos procedimentos tradicionais como o Desenho, a Pintura, a Escultura, Gravura, bem como nos mais recentes, Fotografia, Cinema, Vídeo e nas demais interfaces das mídias tecnológicas e digitais. Como também sempre haverá demanda para ilustrações, caricaturas, quadrinhos, animação, videogames e outras aplicações nesse contexto que dependem do Conhecimento *em Arte* e de habilidades psicomotoras. Portanto ser um hábil produtor de imagens é um bom caminho.

Ainda, tais obras podem ser físicas, corpóreas como também virtuais, residentes e projetadas em meios tradicionais ou tecnológicos. Tanto o fazer manual, dentro das linguagens e poéticas tradicionais quanto os fazeres contemporâneos, visuais, tecnológicos digitais e também corporais como as performances. Ainda intervenções ambientais e instalações espaciais que são realizadas neste contexto.

O Conhecimento Artístico.

Outro campo que não pode ser menosprezado nesse contexto é o do Conhecimento *Sobre Arte Visual*. As primeiras reflexões sobre a Arte ocorreram no contexto da Filosofia e daí em diante ocuparam tanto este campo de conhecimento quanto outros que foram surgindo com o decorrer do tempo.

Inicialmente os debates sobre a essência da Arte, depois seus fazeres e mais tarde seu conceito.

A sistematização do conhecimento sobre a Arte se inicia no Renascimento no momento em que surgiu o que se chamou de História da Arte. Da Filosofia surgiu a Estética, especialmente no século XVIII com Baumgarten. Depois com vários outros filósofos que aprofundaram as reflexões sobre a natureza da Arte e sua apreciação, critérios de avaliação, crítica e validação. Mais tarde outros campos teóricos contribuíram para consolidar estes conhecimentos como a arqueologia, a antropologia, a sociologia, a semiótica, a etnografia entre outras teorias.

A pesquisa sobre arte principalmente no ensino superior contribui para o aprofundamento e difusão desta área. Algumas instituições de como museus, galerias, institutos de pesquisa e difusão sobre Arte, públicos e privados, também tem oferecido condições de trabalho para egressos da formação em Arte Visual.

Um grande problema é que, nem sempre, estas instituições buscam profissionais formados exclusivamente na área de Arte. Quando isto ocorre vale a pena contestar tais editais.

O Conhecimento sobre Arte é bem vindo no mercado pois as galerias, as instituições públicas ou privadas dependem desse conhecimento para manter suas atividades. Mesmo as grandes casas de leilões que investem pesadamente nesse “negócio” depende de profissionais competentes para atuarem na estrutura de investigação, busca, coleta, avaliação, conservação, difusão e, principalmente, venda de Obras de Arte. Este é um dos mercados mais bem pagos do Sistema de Arte atual.

O Mercado de Arte visual
Tradicionalmente o conceito de Mercado se refere à uma parte do Sistema de Arte em que o objetivo são as trocas econômicas relacionadas à Arte Visual, seus produtos e bens. Nem sempre esta relação ocorre diretamente entre os produtores e interessados, mas sim por meio de intermediários. Quando esta relação é feita entre o produtor e o interessado, mesmo que seja uma galeria, este nível é chamado de mercado *Primário*.

O mercado *Secundário*, é constituído de colecionadores e detentores de obras de Arte. Em geral investidores que passam a negociar com as obras sem qualquer relação com seus produtores que, por sua vez, não tem qualquer direito patrimonial sobre elas, apenas a Autoria. Deste mercado também fazem parte as casas leiloeiras que potencializam os valores pagos por muitas destas obras.

Voltando ao Renascimento, o poder econômico possibilitou o surgimento do Colecionismo, termo usado para se referir ao investimento no acúmulo de objetos por alguém ou instituição. Nesse caso refere-se aos objetos de Arte. Os primeiros colecionadores, por conseguinte, investidores, foram os Médici e os Borghese na Itália renascentista. Depois vieram outros e, até hoje, esse grupo tem crescido assustadoramente.

Um hábito criado pelo poder econômico levou membros da nobreza, do clero e do comércio a criar coleções e galerias instaurando o que mais tarde seriam os museus e o mercado de Arte. Desde a Idade Média, os Gabinetes de Curiosidades já haviam se instaurado no gosto pelo diferente, o inusitado e original, o passo seguinte foi tornar a Arte o interesse destas coleções.

Do mesmo modo que o poder inventou o sistema de Colecionar Obras de Arte, também inventou o sistema de incentivo, originariamente chamado de Mecenato, atualmente de incentivo ou renúncia fiscal. Supostamente as leis destinadas a este tipo de incentivo tem por meta promover e preservar a cultura mas, ao mesmo tempo, cria um sistema paralelo de investimento que beneficia principalmente as grandes empresas, os grandes capitais e o poder econômico e muito pouco o produtor de Arte.

Hoje em dia este mercado ocorre em dois ambientes: nas Galerias de Arte e nas Casas de Leilões.

As Galerias são instituições de mostra e comercialização nas quais os artistas expõem suas obras destinadas à apreciação e aquisição. As casas de Leilões se tornaram, nos últimos anos, um dos ambientes preferenciais para a comercialização.

Obras originárias de espólios, colecionadores ou especuladores passaram a ser o principal segmento da comercialização de Arte

A preservação de Obras de Arte Visual.

Como disse, uma das consequências do Coleccionismo foi o surgimento de instituições destinadas ao armazenamento, apresentação e apreciação de Obras de Arte, independente de sua comercialização e isto depende da Conservação. Uma Obra de Arte sofre danos continuamente, mesmo que seja o simples desgaste do tempo ou do ar que circula no ambiente expositivo. Portanto, especialistas em Conservação e Restauro sempre terão espaço reservado nesse campo.

Os Bacharéis tem neste universo a possibilidade de atuarem profissionalmente tanto como especialistas na busca, avaliação, aquisição, conservação quanto para a disponibilização de Obras para o mercado de aquisição, investimento e, mesmo que pareça estranho, atuar no mercado financeiro junto ao comércio de Obras de Arte que há muito se tornaram patrimônio e ativos financeiros.

Gestão de Carreiras

Outro ramo inerente à Arte Visual é a Carreira, tanto do próprio quanto a de outros artistas. Nem sempre é fácil, considerando a complexidade das questões que atuam e interferem neste contexto. Embora a formação deste profissional seja realizada em instituições de ensino superior qualificada para tanto, o egresso não é reconhecido por isto.

Tais profissionais são tratados à margem do sistema econômico como divergentes do senso comum.

Pode-se dizer que a partir do momento em que um “divergente” faz a escolha profissional pelo campo da Arte Visual as dúvidas começam a surgir.

A pesquisadora Françoise Benhamou cita que em 1952 já haviam alguns pesquisadores interessados em entender esta reação da relação da sociedade com o artista.

Por volta da metade do século XX alguns economistas nos Estados Unidos já questionavam as motivações destes divergentes. As dúvidas se referiam aos motivos pelos quais alguém optava por uma carreira que é, na maioria das vezes, incerta, descontínua e mal remunerada sendo que, para exercer sua atividade e garantir sua sobrevivência, precisa realizar atividades paralelas.

A diferença entre Bens materiais e bens simbólicos tem sido um fator de desprestígio do produtor de Arte. A economia dos bens Simbólicos não corresponde ou acompanha a dos bens materiais e nem sempre são reconhecidos como “bens”.

Um Bem Artístico é, na maioria das vezes, imaterial, ou seja, vale mais pelo conceito, pela postura, pela ideologia, pela subjetividade, pelos argumentos do que pela materialidade.

Compreender que a sociedade, na maior parte das vezes, considera que a Arte e a Cultura são atividades espontâneas, pessoais, particulares e mantidas sabe-se lá por quem ou como.

Os discursos recorrente na sociedade reificam e estimulam a dimensão simbólica e cidadã das práticas artísticas e culturais como mais importantes do que a dimensão econômica.

Portanto, é necessário ter uma visão realística, não basta gostar de Arte, é necessário tentar compreender como esta área está configurada para também buscar a inserção nela de modo a conquistar um espaço de trabalho compatível com a formação profissional, comumente realizada em nível superior credenciada e com alta especialização.

Proatividade e autoestima são essenciais para a personalidade do artista.

Há uma tendência do sistema capitalista enaltecer o campo da cultura como algo importante ao mesmo tempo que o exclui de seu sistema como um campo digno e importante no contexto geral da economia Durand, diz: Existe (ainda) uma relutância institucionalizada em reconhecer que as práticas culturais e os bens e serviços que dela resultam sejam presididos por lógicas de interesse, inclusive e sobretudo o interesse econômico. Isto se reflete por conta de uma visão elitista:

Sendo aristocrática, é uma postura socialmente excludente, em desacordo com o consenso político contemporâneo que toma a cultura como território por excelência de vivência da igualdade e da fraternidade. Daí que o princípio de negação do econômico nas artes deva ser visto antes como um entulho intelectual a ser enfrentado em nome da democracia do que como uma barreira contra a infiltração indevida do lucro no mundo sublime da estética – como fácil e costumeiramente é invocado. [...]

Por tudo isso, além de poderem, as artes devem ser pensadas economicamente, para serem fomentadas e promovidas com mais equidade e eficiência.”
(DURAND, 2007, p. 11-12)

A partir de várias discussões promovidas pelo antigo EX Ministério da Cultura, constatou-se a necessidade de se pensar na dimensão econômica da cultura e não só nas questões simbólicas e abstratas que, normalmente se atribui a estas questões como se fossem espontâneas, naturais e não dependessem de financiamento para sua sobrevivência.

Neste sentido foi criado em 2011 a *Secretaria de Economia Criativa*, com a “missão de transformar a criatividade brasileira em inovação e a inovação em riqueza: riqueza cultural, riqueza econômica e riqueza social”.

Entretanto a questão da **Carreira Artística** permanece uma incógnita.

<http://www.cultura.gov.br/secretaria-da-economia-da-cultura1>

As variáveis específicas de um ambiente histórico, social, cultural e político sobre-determinam as ações e reações dos indivíduos e da sociedade como um todo. Neste caso quando se pensa uma carreira tomando como referencial o passado. Por exemplo, a carreira de um artista de sucesso como Picasso, não garante a possibilidade de replicar o percurso dele aos artistas de nosso tempo.

Assim, pensar uma carreira no contexto da Arte requer definir por antecipação o campo de atuação e suas condicionantes.

Carreira, neste contexto, deve ser entendida como algo em construção já que não há fórmulas prontas.

É essencial entender que o principal responsável pela carreira é o indivíduo que a almejou pelo segundo seus interesses e liberdade de escolha.

Não se deve confiar apenas em talento inato, natural ou predisposição genética, cada um é responsável pelas suas próprias escolhas, logo, há que se desenvolver métodos em que participem o esforço, a criatividade, a experimentação e as proposições sintonizadas com o tempo atual, sem perder de vista questões importantes como sustentabilidade e inovação.

É possível indicar alguns domínios relevantes para definir posicionamentos profissionais nesta área:

- . Processo de formação e aprendizado eficiente e contínuo;*
- . O exercício organizado, permanente e equilibrado de atividades artísticas;*
- . O convívio com o ambiente artístico na obtenção de informações e trocas de experiências;*

- . Inserção no meio social integrando e divulgando seu trabalho através dos canais existentes de comunicação, com vistas à interação com a sociedade e o mercado;*
- . Conhecer a legislação sobre incentivos fiscais;*
- . Leitura de editais para eventos em Arte;*

O campo específico de atuação em Arte Visual é bastante restrito, contudo, a sua relação e inserção em áreas correlatas é bem extensa e cobre diferentes áreas que podem se transformar em opções de carreira.

A listagem mostrada é uma tentativa superficial de apontar possibilidades e estimular o pensamento em torno de atividades possíveis dentro de áreas de intersecção ou correlacionadas com a Arte Visual, mesmo que façam parte de outras áreas.

A)

- Administrador de acervos de arte
- Administrador de impressão gráfica
- Administrador de instituições de arte
- Animador
- Animação 2D e 3D
- Antiquário
- Arte Terapeuta
- Assistente de desenhista de produtos
- Artesão de Madeira, metal, couro, vidro, etc
- Artista Digital
- Artistas plástico
- Artista visual
- Avaliador de Arte

C)

- Cenógrafo
- Conservador e restauro de obras de arte
- Consultor de Arte
- Curadoria de Arte
- Curadoria de instituições de arte, museus e galerias.

D)

- Desenho de anúncios em publicidade e propaganda
- Desenho de calçados
- Desenhista de cerâmica, louça, porcelana
- Decoração/ornamentação

- Diretor de arte e publicidade
- Desenho gráfico e digital
- Desenho de interiores
- Desenho de joias
- Desenhista de logos e marcas
- Desenho de mobiliário
- Desenho de moda
- Desenhista de produto
- Desenho de quadrinhos e Storyboard
- Desenho têxtil
- Desenhista de web
- Desenvolvimento e apoio para Jogos digitais
- Desenvolvimento de animação e efeitos visuais

E)

- Editor de arte
- Editor de fotografia e imagem digital
- Editor gráfico, livros
- Editor de moda
- Efeitos visuais para filmes e animação
- Ergonomista
- Escritório de arte
- Estilista fotográfico

F)

- Fabricante de mobiliário
- Fabricante de modelos, títeres, peças humanas
- Fabricante e reparador de instrumentos musicais
- Figurinista de moda e cena
- Fotógrafo
- Fotógrafo digital

G)

- Gestor em artes comunitárias
- Gestor de design e desenvolvimento
- Gestão de eventos e promoções
- Gerente de produção têxtil
- Gravador de vidro

I)

- Ilustrador
- Ilustrador biológico
- Ilustrador botânico
- Impressor gráfico
- Ilustrador médico

M)

- Maquiador
- Mural/grafite

P)

- Paisagista
- Pesquisador, historiador de Arte
- Produtor de Audiovisual, Cinema e Vídeo Digital
- Produtor/Promotor de eventos artísticos
- Professor de arte
- Projetista de mostras e exposições

R)

- Restaurador de mobiliário
- Restaurador de obras de Arte

T)

- Tatuador
- Técnico de CAD e softwares gráficos
- Técnico em desenho arquitetônico
- Técnico fotográfico

Produtor Autônomo, auto empreendedor.

A produção em Arte Visual nos seus campos poéticos tradicionais como os da Pintura, Desenho, Escultura, Gravura ou mais novos como da Fotografia, o Cinema, o Vídeo, Animação analógicos ou digitais, bem como as atuais manifestações Performáticas, Interventivas e Instalações podem ser realizadas como atividade individual.

Não significa que a produção autônoma seja realizada apenas pelo próprio artista, mas ele pode gerenciar equipes de trabalho na qual são empregados auxiliares, assistentes, ajudantes próprios ou terceirizados e mesmo contar com contratos de serviços de empresas especializadas como fundições, serralherias, marcenarias e outras que completem ou complementem a produção.

Tradição e inovação nos diálogos com a Arte Visual: novos campos e suas interfaces produtivas.

A tradição clássica e acadêmica consolidada no século XIX indicava duas instâncias produtivas: de um lado a do Artista, o criador, produtor, idealizador das Obras de Arte e, de outro, os que atuavam no auxílio de tais produtores.

Os Artistas, em geral, formados nas escolas de Belas Artes detinham o *status* intelectual mais sofisticado. Os auxiliares, por sua vez, eram formados nos Liceus de Artes e Ofícios, instituições destinadas ao ensino técnico e profissional, chamado de profissionalizante, cuja finalidade principal era o de exercer as atividades mais pesadas e manuais.

Estes técnicos eram fundidores, tapeceiros, serralheiros, marceneiros, moldureiros, decoradores, pintores, canteiros, entre outros artesãos capazes de exercerem as tarefas e atividades menos intelectuais e mais operacionais da produção artística.

Mestres de Obras e Oficiais de Serviços eram preparados nestes ambientes dominados por Oficinas e não por Ateliers.

Neste sentido surge a distinção entre Arte, propriamente dita, contendo as Belas Artes, e o que se chamava de Artes Aplicadas correspondendo ao que se produzia para uso decorativo, utilitário e funcional destituídas de expressividade. Há que se admitir que embora as aplicações da Arte não destituíssem de todo os aspectos estéticos e plásticos, típicos de sua configuração, não eram sua principal finalidade, embora fossem projetadas por artistas e executadas por artífices.

A Arte Visual, originalmente, englobava apenas o Desenho, a Pintura e a Escultura, chamadas de Belas Artes e depois de Artes Plásticas. Mais tarde, admite a Gravura, a Fotografia e o Cinema tornando-se Artes Visuais. Considerava também as manifestações de caráter decorativos e funcionais como a Cerâmica, o Mobiliário, a Tapeçaria, a Joalheria e a realização de artefatos de madeira, metal e vidro, entre outros, como campos paralelos e relativos.

O advento da Modernidade, desde as discussões instauradas pelo movimento *Arts and Crafts* de Morris na Inglaterra e a escola Bauhaus, de Gropius na Alemanha, romperam com as barreiras entre estes dois níveis de atividades dando ao artífice, ao artesão a possibilidade de atuarem como Artistas e, aos Artistas, a necessidade de dominarem habilidades manuais antes dos artificios. Mais tarde as Performances, Instalações Ambientais e Intervenções, também foram admitidas como campos Conceituais da Arte Visual.

Pode-se inferir que a quebra da barreira entre estas duas instâncias da produção artística ocorreu por dois motivos: um deles foi a intensificação dos processos de produção industrial, que passou a depender de projetos mais técnicos para execução em máquinas e menos habilidades manuais; o outro foi consequência deste primeiro.

Na medida em que a indústria desprestigiou as habilidades manuais, os Artistas que eram os idealizadores dos projetos e produtos, passaram a depender de conhecimentos técnicos e procedimentos industriais que não eram seu domínio. Assim surgiram as escolas, com a Bauhaus por exemplo, dedicadas ao Desenho Industrial e depois ao Design congregando formação nos saberes: artísticos, artesanais e industriais.

Além disso, a terceira geração industrial, como pode-se nomear o desenvolvimento digital que cria *hardwares* e *softwares* para a realização de tarefas físicas e industriais como, por exemplo a dos robôs, as interfaces dos ambientes virtuais e de serviços na comunicação e demais ambientes digitais, tecnológicos e sociais criaram também novas necessidades profissionais.

Neste novo ambiente colaborativo caracterizado pela WEB surgem nichos, tendências, funções, atividades e proposições que dependem de indivíduos mais dinâmicos, capazes de atuar em grupo, gerenciar ações, condutas e atividades inovadoras que surgem todos os dias nos meios digitais interativos. Este é também um campo de atuação profissional para a Arte Visual.

Nestas discussões pode-se incluir a questão da Empregabilidade, ou seja, o potencial que os egressos em Arte Visual dispõem para exercerem diferentes atividades no contexto econômico da sociedade atual.

Como se viu, muitas das ocupações originalmente relativas à Arte Visual, desapareceram ou migraram para outros campos profissionais.

O aprofundamento e a especificidade das Poéticas artísticas Pós-modernas, intensificaram de um lado a função estética e conceitual das atividades artísticas destituindo-as tanto da reprodução, imitação ou representação, quanto da corporeidade que caracterizava anteriormente os Objetos de Arte. Esta desmaterialização teve consequências drásticas no mercado e nos serviços relacionado à Arte.

Como se viu, uma boa parte das atividades profissionais descritas como pertinentes ao campo da Arte Visual, como discriminadas na Classificação Brasileira de Ocupações não se configuram necessariamente no campo exclusivo da Arte em suas Poéticas ou meio de Expressão, mas como funções aplicadas ou utilitárias.

Esta distorção decorre da tradição artística que incluía num mesmo conjunto os fazeres estéticos e técnicos, portanto, Arte Visual correspondia, por exemplo, tanto aos fazeres da Arquitetura quanto suas aplicações na ornamentação, mobiliário, decoração e também aos produtos utilitários e de consumo.

Para melhor exemplificar pode-se tomar o campo da produção gráfica no qual os artistas do passado, se ocupavam tanto da diagramação quanto da ilustração de publicações de livros, cartazes ou periódicos informativos e publicitários. Este campo de atividade migrou para o Design Gráfico. Do mesmo modo que projetos de mobiliário e utilitários migrou para o Design de Produto.

Na medida em que a Arte Visual se afasta de suas aplicações pragmáticas, aprofunda sua vocação experimental e, como consequência, perde boa parte de sua vinculação direta com o mercado de obras, serviços e bens de consumo.

Pode-se dizer que, na atualidade, os continentes sígnicos e simbólicos da Arte se impõem sobre o mercadológico embora não tenha reciprocidade no mercado.

Incentivo Fiscal: o mecenato oficial

No Brasil temos a Lei Federal de Incentivo à Cultura, Lei nº 8.313/91, chamada de Lei Rouanet, e a Lei do Audiovisual, Lei nº 8.685/93, são destinadas a estimular pessoas e instituições a investir em arte mediante patrocínio, além disso há vários outros editais em todos os níveis do poder público e empresas que destinam valores por meio de bolsas de estudo, financiamento de projetos entre outras ações.

No Mato Grosso do Sul, o Fundo de Investimentos Culturais estimula a criação, produção e difusão das manifestações artístico-culturais em todos os municípios sul-mato-grossenses.

Foi Instituído pela Lei 2.366/2001 e reorganizado pela Lei 2.645/2003, o FIC tem como princípio prestar apoio financeiro a projetos culturais da comunidade, fomentando o mercado artístico e diminuindo a distância do público com as mais diversas manifestações, tradições e valores da cultura.

Os editais promovem a democratização de acesso a recursos para as áreas de música, dança, teatro, artes plásticas, audiovisual, literatura e festas populares. Os selecionados participam de programas e ações executadas pela Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul no decorrer do ano estimulando a valorização e difusão das manifestações artístico-culturais do Estado.

Legislação

- LEI Nº 2.366, DE 20 DE DEZEMBRO DE 2001
- LEI Nº 2.645, DE 11 DE JULHO DE 2003
- DECRETO Nº 11.299, DE 16 DE JULHO DE 2003

No município de Campo Grande instituiu-se, mediante o DECRETO n. 12.382, DE 17 DE JUNHO DE 2014, diretrizes sobre o sistema municipal de cultura que dispõe princípios, objetivos, estrutura, organização, gestão, inter-relações entre seus componentes, recursos humanos, financiamento e outras providências.

A lei Rouanet estabelece as diretrizes sobre incentivo a projetos culturais no âmbito federal, bem como os requisitos, condições e exigências para a obtenção de doações e patrocínios, que tenham como finalidades:

- Incentivar a formação artística e cultural
- Fomentar a produção cultural e artística
- Preservar e difundir o patrimônio artístico, cultural e histórico
- Estimular o conhecimento dos bens e valores culturais
- Apoiar outras atividades culturais e artísticas

Doação: transferência definitiva e irreversível de numerário ou bens em favor da pessoa física ou entidade sem fins lucrativos que propõe a execução de um projeto ao Ministério da Cultura.

Patrocínio: transferência definitiva e irreversível de numerário ou serviços, com finalidade promocional, cobertura de gastos ou utilização de bens móveis ou imóveis do patrocinador (sem a transferência de domínio) a pessoas físicas, entidades sem fins lucrativos ou até mesmo a empresas com finalidades lucrativa

Os projetos financiados, pela Lei Rouanet, quando gratuitos, precisam ter sua exibição, utilização e circulação dos bens culturais abertos a qualquer pessoa, sem distinção. Quando houver ingressos os critérios de acesso devem ser os mesmos.

Lei de incentivo à cultura, Lei Rouanet:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8313compilada.htm

Regulamentação da Lei Rouanet:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Decreto/D5761.htm

Prestação de contas da Lei Rouanet:

<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=27/12/2017&jornal=515&pagina=20&totalArquivos=212>

Instrução normativa MINC:

<http://www.bsgestaopublica.com.br/index.php/instrucaonormativaminc5>

Salic- Sistema de apoio às leis de incentivo à cultura:

<http://www.cultura.gov.br/documents/10883/1339972/Apresenta%C3%A7%C3%A3o+SalicNet.pdf/2f7b8065-eca4-41d6-860e-425d111e2ee7>

Informações:

<http://nossacausa.com/captacao-de-recursos-atraves-de-leis-de-incentivo-lei-de-incentivo-a-cultura/>

FUNARTE – CEAV

Centro de Artes Visuais

- **Coordenação de Artes Visuais**
- cavisuais@funarte.gov.br
Tel.: (21) 2279-8092
- **Coordenação da Rede Nacional Funarte
Artes Visuais**
- Tel.: (21) 2240-6475
- **Coordenação do Conexão Artes Visuais
MinC/Funarte/Petrobras**
- conexao@funarte.gov.br
Tel.: (21) 2279-8090 e (21) 2224-8319

Read

more: <http://www.funarte.gov.br/estrutura/#ixzz5Jex0n734>

Follow us: [funarte on Facebook](#)

Entidades e associações de classe no campo da Arte Visual.

Embora exista uma classificação de categorias profissionais neste campo de atuação, não há qualquer controle sobre ela. Nem do Estado, como responsável pelas relações sociais, nem dos profissionais da área por falta de organização própria.

Existindo atualmente várias instituições como associação, núcleos e sindicatos, mesmo assim não há uma integração entre elas capaz de arregimentar pessoas e constituir uma massa política ativa para organizar seus anseios e reivindicações em prol da regulamentação profissional que estabeleça normas e critérios de atuação.

Iniciativas de fundação de Associações de artistas, produtores de arte e outras instituições, embora existam, atuam em circuitos locais, regionais ou estaduais, poucas abrangência nacional.

A mais famosa é a ANPAP – Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, de forte perfil acadêmico e dedicada principalmente aos pesquisadores vinculados às instituições superiores de ensino, pouco relacionada aos produtores de Arte.

Conselho nacional de política cultural

<http://www.cultura.gov.br/cnpc>

Abarte –

Associação Brasileira de Arte.

<http://www.abart.com.br/>

ABD - Associação brasileira de desenho e artes visuais.

[https://pt-](https://pt-br.facebook.com/pages/category/Education/ABD-Associa%C3%A7%C3%A3o-Brasileira-de-Desenho-e-Artes-Visuais-502625043125596/)

[br.facebook.com/pages/category/Education/ABD-Associa%C3%A7%C3%A3o-Brasileira-de-Desenho-e-Artes-Visuais-502625043125596/](https://pt-br.facebook.com/pages/category/Education/ABD-Associa%C3%A7%C3%A3o-Brasileira-de-Desenho-e-Artes-Visuais-502625043125596/)

SINAP - Sindicato nacional de Artistas Plásticos - <https://www.sinapespaiap.com.br/sobre-o-sinap-aiap>

APAP – Associação Profissional de Artistas Plásticos de São Paulo.

<http://www.apap.art.br/>

APAP – Associação Profissional dos Artistas Plásticos do Paraná

<http://www.apap.com.br/institucional.php>

Proteção à obra de arte e ao autor

O diploma legal que protege os direitos autorais, Lei nº 9.610, de 19/2/98, em seu capítulo III, que trata do "Registro das Obras Intelectuais", preceitua:

Art. 18. A proteção aos direitos de que trata esta Lei independe de registro.

Art. 19. É facultado ao autor registrar a sua obra no órgão público definido no caput e no § 1º do art. 17 da Lei nº 5.988, de 14 de dezembro de 1973.

Art. 20. Para os serviços de registro previstos nesta Lei será cobrada retribuição, cujo valor e processo de recolhimento serão estabelecidos por ato do titular do órgão da administração pública federal a que estiver vinculado o registro das obras intelectuais.

Art. 21. Os serviços de registro de que trata esta Lei serão organizados conforme preceitua o § 2º do art. 17 da Lei nº 5.988, de 14 de dezembro de 1973.

Assim, já que a lei atual se reporta aos § 1º e 2º do art. 17 da Lei nº 5.988, de 14 de dezembro de 1973, veja o que eles preceituam:

Art. 17 (da Lei nº 5.988, de 14/12/1973) - Para segurança de seus direitos, o autor da obra intelectual poderá registrá-la, conforme sua natureza, na Biblioteca Nacional, na Escola de Música, na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no Instituto Nacional do Cinema, ou no Conselho Federal de Engenharia Arquitetura e Agronomia.

§ 1º Se a obra for de natureza que comporte registro em mais de um desses órgãos deverá ser registrada naquele com que tiver maior afinidade.

§ 2º O poder executivo, mediante decreto, poderá, a qualquer tempo, reorganizar os serviços de registro, conferindo a outros Órgãos as atribuições a que se refere este artigo.

Atividade de Avaliação.

Como este material é usado como apoio pedagógico às aulas, ele contém dados e informações pertinentes ao conteúdo da disciplina e, deste modo, condensa as principais informações necessárias para a construção dos conhecimentos propostos pela disciplina.

A Avaliação é uma das atividades de reforço e tem por objetivo recordar os conteúdos apresentados e aferi-los.

Questões relacionadas aos conteúdos dessa parte.

- 1. Enumere, pelo menos, três campos de atuação em Arte Visual.*
- 2. O que é Gestão de Carreira em Arte Visual?*
- 3. O que o Conhecimento sobre Arte pode proporcionar enquanto carreira?*
- 4. Indique, pelo menos, dez possibilidades de atuação em Arte Visual.*
- 5. O que são Incentivos Fiscais em Arte Visual?*

Atividades de Reforço e apoio Pedagógico.

Leitura e Resumo deste material.

Leituras de Apoio e consulta:

ARGAN, Giulio Carlo. História da Arte Moderna.

ARGAN, Giulio Carlo, FAGIOLLO, Maurizio. Guia da História da Arte.

GOMBRICH, E. História da Arte.

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/textos>

Bibliografia complementar em Gestão em Arte Visual.

Guia do Artista Visual.

Cultura e Economia.

Economia Artisticamente Criativa.

Arte e Mercado – Greffe.

O que é um Artista?

Pense como um Artista.

Isso é Arte?

Elementos para pensar uma carreira profissional artística e criativa.

Significado do trabalho e carreira artística.

Colecionismo.

Arte e Mercado.

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/textos>